

eleição eua - 1

A DERROTA DE BUSH na terra de Michael Moore

STUDS
AW

VIVA
BUSH

Quem ganhou as eleições americanas: George W. Bush ou Michael Moore? O engajamento do criador de *Fahrenheit 9/11* foi um dos destaques da campanha presidencial nos EUA. Embora seus esforços em favor do democrata John Kerry tenham sido insuficientes para evitar que Bush se reelegesse, Moore também ganhou: contribuiu para mobilizar a juventude, que votou em Kerry. REPORTAGEM foi a Flint, cidade natal do cineasta, e viu as eleições americanas de 2 de novembro a partir de lá

Tânia Caliari

“Não venha a Toledo, Mr. Bush”

No dia seguinte à eleição, o site de Michael Moore na Internet amanheceu mudo, sem palavras, nada escrito. Apenas com um retrato do vencedor, o presidente George W. Bush, formado por um mosaico de pequenas imagens de soldados americanos mortos na Guerra do Iraque (foto abaixo). Nada mais. Foi como se o cineasta que encarou a missão – quixotesca? – de derrotar o presidente da mais poderosa nação do planeta estivesse ainda sob choque. Não era para menos: ao contrário da eleição anterior, quando a vitória de Bush foi muito contestada e ele obteve menos votos populares que seu oponente, o democrata Al Gore, desta vez, aparentemente, não havia quase nada do que reclamar. A vitória republicana era fato, inclusive no voto popular: Bush ficou com 50,89% dos votos e 286 dos 538 delegados do Colégio Eleitoral. Conseguiu 9 milhões de votos a mais do que em 2000. Percentualmente, a diferença entre ele e Kerry foi pequena – apenas 3%. Mas suficiente para calar o falador Moore na manhã de 3 de novembro.

O choque, no entanto, não durou muito: um dia depois, a página do cineasta já exibia uma mensagem dirigida aos jovens eleitores americanos (de 18 a 29 anos), a única faixa etária em que Bush perdeu para Kerry. “Diferente do que aconteceu em 2000, quando Gore e Bush quase dividiram meio a meio o voto dos jovens (Gore, 48%, e Bush, 46%), este ano Kerry ganhou de lavada, com 10 pontos mais do que Bush entre os eleitores jovens (54% a 44%)”, diz o texto de Moore.

A campanha anti-Bush capitaneada por Moore pode ter contribuído significativamente para esse resultado, a jul-

gar pela reação da platéia que assistiu sua palestra em Toledo, Ohio, no dia 25 de outubro, vésperas da eleição. A planície à margem sul do lago Eire, um dos que compõe o conjunto dos Grandes Lagos na divisa dos Estados Unidos com o Canadá, abriga um tabuleiro de várias tonalidades de ocre, marrom, amarelo, verde e vermelho, cores da vegetação que indicam o outono avançado do final de outubro. A vista do avião é a clássica colcha de retalhos onde as plantações ou terras em descanso se dividem em retângulos ou quadrados perfeitos.

A zona rural de Toledo é uma boa amostra do meio-oeste americano, com propriedades não muito grandes e altamente produtivas. A rota aérea não revela, porém, a grande potência industrial em que se tornou a região du-



Site: www.michaelmoore.com/7/Reprodução

rante todo o século 20, puxada pela indústria automobilística. Toledo se destaca pela produção de vidro e materiais de construção, mas tem sua unidade da Chrysler. A influência dos automóveis na cultura local, aliás, se percebe logo: no aeroporto ninguém sabe informar absolutamente nada sobre o transporte coletivo, onde ficam os pontos de ônibus ou seus horários. Convém, então, pegar um táxi.

Chris, o motorista, carrega as malas prontamente. Ao volante, pergunta: “você veio ver aquele cara gordo que ‘adora’ o presidente Bush? Michael Moore vai estar aqui em Toledo esta noite para fazer campanha para o Kerry?” O “gordo que adora Bush” era ironia de Chris, que sabe muito bem que Moore se tornou o pesadelo do presidente Bush com seus livros e seu filme-denúncia *Fahrenheit 9/11* (2004). Chris tem uns 45 anos e é pai de quatro crianças. Dedica seu tempo livre a escrever cartas de conforto para presidiários, sobretudo os de religiões minoritárias, já que, em sua opinião, “cristãos, muçulmanos e judeus encontram muito apoio em suas igrejas e instituições”. Quando o assunto volta para a política, o motorista se anima: “*Bush is my guy!*”. “Dou muito valor à vida. Não concordo de nenhuma maneira com o aborto e sei que Bush também não. Ele tem o meu apoio”, diz. E tinha ainda os terroristas. “Acho que devemos ir buscá-los e matá-los em suas casas, antes que venham matar gente inocente por aqui. Os terroristas são como cobras para morder nossas crianças. Não vamos esperar por uma permissão do mundo para fazer isso”, diz Chris, que logo volta a ser suave na fala e ao volante, enquanto mostra o rico subúrbio de Toledo.

A missão Michael Moore teria enorme trabalho para convencer um sujeito como Chris a não votar em Bush. No entanto, naquela noite, Moore jogaria todo o seu peso de documentarista consagrado para convencer eleitores com tendência democrata a irem votar no candidato deles mesmo, o senador John Kerry. Como o voto não é obrigatório e como a participação do eleitorado tem sido de apenas 50% nas últimas eleições, um dos grandes desafios deste pleito é arrancar os eleitores de casa para votar. Em meados de setembro, Moore se lançara pelo país na turnê “The Slacker Uprising Tour” e Toledo é a 45ª cidade que ele visita. O título de sua campanha reflete a linguagem irreverente com que fala de coisa séria. “*Slacker Uprising*” – a revolta dos preguiçosos – é uma forma de



Toledo, Ohio: na 45ª parada da sua turnê para mobilizar os preguiçosos, Moore incendeia os jovens democratas

chamar a supostamente alienada juventude do país a ir às urnas para derrotar Bush.

Brendan, de 22 anos, diz que sua irmã Julie é sim uma *slacker*. “O que significa isso?”, pergunta Julie, de 21 anos. “Tá vendo. Como ela pode saber o que acontece no mundo?”, diz Brendan. Julie, no entanto, grita e assovia forte; é uma das mais animadas no grande auditório da Universidade de Toledo, no Seagate Convention Centre, que, a essa altura, reúne cerca de 6 mil pessoas a US\$ 7,5 por cabeça (cerca de R\$ 22) para ver o cineasta.

“Toledo, obrigado!”, berra Moore. A platéia responde com gritos e aplausos, amplificados pela acústica do auditório. “Não venha a Toledo, Mr. Bush”, diz Michael em tom desafiador. “O senhor será retirado da Casa Branca”. O show continua com uma série de piadas sobre o presidente, sua suposta estupidez e canalhice. Jovens republicanos levantam cartazes pró-Bush e alguns chegam à beira do palco, sempre observados por seguranças e vaiados pela garotada liberal. Moore tem uma palavra para eles: “Tenho boas notícias para vocês: quando perderem, não vamos tratá-los como vocês trataram a maioria desse país. O salário mínimo incluirá vocês também! Todos têm um republicano na família, eles não são más pessoas”, diz.

A certa altura, ele fala dos planos para o seu novo filme, que abordará o sistema de saúde e a indústria farmacêutica. Diz que funcionários de empresas do setor já estão sendo orientados a ficar longe dele. “Se você for abordado por Michael Moore... ligue para o número de denúncia”, diz o cineasta imitando uma voz imaginária de chefe de corporação. “Dá o número!”, grita alguém da platéia. “Vocês querem ligar?”.

Imediatamente o público ergue milhares de telefones celulares e todos riem ao mesmo tempo.

Hunter Weeks (1º à dir.) com amigos: viagem coast-to-coast para “descobrir a América”

O evento capitaneado por Moore dura cerca de duas horas. Quando ele se despe-

de, a garotada corre na direção do palco, onde Julie é barrada por um segurança. Vamos, então, para os fundos do prédio, onde já havia fãs com papel e caneta nas mãos. Michael parte sorridente no banco dianteiro de uma van e dá tchauzinho para a turma que berra: “Pleeeeeease!!!!”. Uma equipe de vídeo desmonta seu equipamento e explica que quer o mesmo que eu: o contato do Michael Moore para entrevistá-lo. O grupo, três rapazes, uma moça e um cachorro, está rodando os EUA desde agosto, gra-

vando cenas de cidades e pessoas que encontram no caminho para descobrir a “verdadeira América”. Largaram seus empregos e reuniram o dinheiro que tinham para cruzar o país *coast-to-coast*, do oeste para o leste. “Michael Moore é importante para nós porque é um visionário que entendeu o papel da mídia em cada comunidade”, diz Hunter Weeks, um dos rapazes. No outro dia, essa turma ruma para a Pensilvânia; e eu, para Michigan, mais precisamente Flint, a cidade de Michael Moore.

“Kerry vai ganhar”

O ônibus sujo e desconfortável que faz a viagem de quase quatro horas de Toledo a Flint leva alguns passageiros negros, uns poucos brancos notoriamente empobrecidos e cerca de trinta pessoas branquíssimas, vestidas com trajes que lembram os dos peregrinos que povoaram os EUA a partir do século 17. Os homens usam calças e coletes pretos, camisas de cores e tons sisudos, chapéus de feltro com abas largas. As mulheres, vestidos pretos até os pés, blusas igualmente sisudas, além de uma touquinha branca nas cabeças, que são cobertas com chapéus pretos cada vez que descem nas paradas do ônibus. Adolescentes, crianças e até os bebês seguem a mesma moda. Botinas pretas reluzentes nos pés de todos.

Os passageiros estranham discretamente aqueles viajantes. “Somos *amish*”, diz o patriarca do grupo durante a baldeação na rodoviária de Detroit. Os Estados de Ohio, Pensilvânia, Michigan e Illinois reúnem a maior parte dos seguidores dessa seita cristã nos EUA, que se isolam em suas fazendas. “Temos nosso próprio sistema escolar, mas pagamos os mesmos impostos que mantêm o sistema de educação pública do país”.

Os viajantes vão ficando pelo caminho e poucos chegam

a Flint. Na cidade, onde os ônibus urbanos passam a cada meia hora, ou de hora em hora depois de certo horário, fica comprovado o que diria mais tarde um entrevistado: “o transporte público em Flint é uma atividade quase ilegal”. Os usuários “normais” do transporte coletivo são geralmente negros pobres, sejam trabalhadores ou estudantes. Os raros brancos que tomam ônibus parecem viver realmente à margem: são bêbados, pessoas visivelmente doentes ou os muito pobres.

Flint é chamada “A cidade dos veículos”, como diz um luminoso. Foi ali, em 1908, que foi criada a General Motors, a partir da Buick Motor Car, uma empresa que havia deixado Detroit em 1903, adquirida por um fabricante local de carroçarias. Dizem os historiadores que a fundação da GM passou quase despercebida, pois naquele momento muitas fábricas de motores eram abertas e fechadas nos EUA. Até 1927, cerca de mil instalações do gênero foram abertas no país, das quais duzentas conseguiram fabricar ao menos um modelo. Nos anos seguintes, a General Motors incorporou diversas empresas – entre as quais a Chevrolet, em 1918.

Os empregos oferecidos pelas unidades da GM em Flint atraíram trabalhadores de todo o país. A cultura operária na cidade foi forte o bastante para a criação de uma importante base sindical e para a sustentação histórica de votos no Partido Democrata. “Os trabalhadores estão com o Kerry”, garante Ben Mata, vice-presidente da unidade 958 da United Automobile Workers of America - UAW. Esse sindicato foi reconhecido pela GM em 1937, depois que os operários sustentaram uma greve de quarenta e quatro dias, isolados nas dependências das fábricas, durante o rigoroso inverno de Flint. Hoje, em seu escritório, que fica em frente a uma das unidades da GM, Ben admite o enfraquecimento do movimento sindical. “Mas



Jânia Callari

Rua central de Flint num dia de semana à tarde: a população da cidade natal do cineasta mais odiado pelo presidente dos EUA encolheu nas últimas décadas

isso acontece no mundo inteiro”, diz.

Segundo ele, em Flint, a desmobilização é reflexo do fechamento de pelo menos cinco unidades da GM na cidade e de milhares de postos de trabalho. “Só na minha unidade, a de caminhões, perdemos cerca de cinco mil empregos nos últimos 30 anos, passando de oito mil para cerca de três mil trabalhadores. A coisa piora quando você pensa que cada emprego na GM garante sete outros empregos na cidade”. O problema não se restringe a Flint: nos últimos quatro anos o Estado de Michigan perdeu cerca de 239 mil empregos, 142 mil só no setor industrial. Mesmo assim, Ben garante que o sindicato evitou grandes perdas salariais e que o pagamento mínimo de US\$ 26 por hora aos empregados da GM, somado a benefícios como plano de saúde, é ainda hoje um patamar inatingível para a grande massa de trabalhadores. “Países como China, Brasil, Índia, México e Canadá devem preferir que o Bush ganhe esta eleição, pois se o Kerry ganhar vai acabar com a fuga de empregos. Não sei se ele vai resolver tudo, mas vai taxar pesadamente os investimentos feitos pelas empresas daqui feitos fora dos EUA”, diz.

O censo de 2000 registrou 124 mil habitantes em Flint, que já chegou a ter quase 200 mil. O êxodo, iniciado nos anos 1970, é bem retratado no primeiro documentário de Michael Moore, *Roger and Me*, de 1989, quando a GM continuava a fechar unidades na cidade e a dispensar trabalhadores. O filme de Moore acompanha a desgraça das famílias de desempregados, critica as iniciativas do poder local para recuperar a cidade (como a criação do Auto World, um tipo de Disneylândia do automóvel que faliria logo depois) e mostra a perseguição do documentarista ao então presidente da GM, Roger Smith, para que ele explicasse porque a empresa estava abandonando a cidade que a criou. “Roger Smith feriu muitos lares por aqui durante sua gestão”, diz Ben. Hoje ainda há cinco unidades da GM em Flint que, ao todo, empregam cerca de 8,5 mil trabalhadores. No geral, o emprego industrial na cidade caiu de 52,1 mil postos de trabalho em 1990 para 24,6 mil em 2004.



Greve na GM, 1937: a paralisação forçou a montadora a reconhecer o UAW, o sindicato dos trabalhadores em Flint

Pode-se dizer que Flint viu seus empregos industriais melhor remunerados se transformarem em empregos de serviços, com salários muito mais baixos. A cozinheira da Bob Evan's, uma típica cadeia de restaurantes americana, que serve aqueles cafés da manhã com ovos e *bacon* e saladas gigantescas, ganha US\$ 8 por hora. Sua sorte é que seu namorado, empregado há 30 anos na GM, faz US\$ 37 por hora e é muito generoso. “E olha que o salário da Bob Evan's não é dos piores para os serviços pouco qualificados”, diz a cozinheira.

Esvaziamento do centro A decadência econômica de Flint está de certa forma refletida no centro da cidade. É possível caminhar pelas ruas principais às três horas da tarde de uma quarta-feira e não ver uma viva alma, apesar de os edifícios da Universidade de Michigan se concentrarem nos quarteirões centrais. Praticamente não há lojas e os edifícios que um dia abrigavam o comércio estão todos fechados. Além da decadência econômica, outro fator que certamente explica o esvaziamento do centro é a feição assumida pelas cidades médias americanas em geral. Para atender à classe média, que depois da Segunda Guerra Mundial deixou os centros urbanos e foi morar nos subúrbios, em casas cercadas de gramados muito verdes, foram criados núcleos de comércio fora da área central, os chamados *mall*, *plaza* ou *parking*. Em todos a estrutura básica é a mesma: um grande estacionamento cercado por alguns blocos de lojas e grandes supermercados. Alguns desses blocos são setorizados, agrupando centros médicos e dentistas, escritórios de advocacia e os famosos motéis.

Hoje, um dos poucos negócios que resiste no centro de Flint é a estamperia Flint T-Shirt, onde alguns rapazes fazem camisetas com os dizeres “*Flint Surfing Club*” ou “*Flint Swimming Team*” (equipe de natação de Flint), em gozação ao poluído rio Flint que corta a cidade; ou ainda “Flint, a cidade mais difícil da região desde 1865”. Na sobreloja da estamperia, outros rapazes também resistem. Ali funciona a redação do *The Uncommon Sense*, jornal alternativo que numa edição recente publicou uma matéria sobre as disputas que envolvem um projeto de revitalização do centro da cidade. “No geral querem transformar o centro a partir de grandes iniciativas empresariais, que envolvem muitos interesses, e não incentivam a acomodação do pequeno comércio. Isso não vai dar certo”, diz Matt Zacks, editor do jornal, que depois de morar muitos anos em Nova York voltou para Flint com a intenção de in-

Zacks, editor do Uncommon Sense: apostou duas cervejas em Kerry, perdeu, mas não pagou

Tânia Callari



fluenciar nos rumos da cidade. Estão indo bem. Apesar de o jornal ser feito à base do voluntariado, em pouco mais de um ano de funcionamento atingiu a tiragem de 10 mil exemplares.

Matt sabia que eu perguntaria se seu jornal se inspirava de alguma forma no *Flint Voice*, criado por Michael Moore em 1977 e que existiu até 1986, quando já se chamava *The*

Michigan Voice. “Minha mãe até escrevia para o *Flint Voice*, mas pouco me lembro do jornal. De qualquer forma tentamos ser uma outra voz em Flint que, como naquela época, só tem o *Flint Journal*, bem conservador”. Matt estava otimista com a eleição. “Kerry vai ganhar e vai ganhar de muito”. Seu otimismo acabou valendo uma aposta de duas cervejas, que acabei não cobrando.

“Marginalmente melhor”

Se os rapazes do *Uncommon Sense* estão otimistas quanto à vitória do democrata, Peggy Khan, cientista política da Universidade de Michigan, em Flint, está profundamente pessimista quanto ao destino da democracia americana. Num telefonema, ela aceita prontamente dar entrevista a

REPORTAGEM: diz que tem um prazer enorme em conversar com pessoas de fora dos EUA. O encontro acon-

raivoso, simplista e vicioso do discurso de ‘vencer a todo custo’. Peggy se ressentia sobretudo da falta de partidos de esquerda, de resistência, de movimentos sociais, de um debate sobre luta de classes. Ela sempre se interessou por questões de pobreza, família e desigualdade no país, e seu objeto de estudo são as famílias de mães solteiras e de baixa renda que sofreram um grande baque depois de mudanças na lei de seguridade social em 1996.

“Você sabe, os EUA têm uma rede de seguridade social muito pequena com poucos benefícios universais e hoje já se fala da era da pós-seguridade”. Peggy explica que os primeiros benefícios sociais no país foram implementados a partir dos anos 1930, durante a Grande Depressão, como os programas de ajuda a pais e mães solteiros e pobres, a pensão aos idosos, e o seguro-desemprego. Um programa de saúde pública nunca existiu. “Ao contrário do que aconteceu na Europa, aqui houve pouco avanço em termos de seguridade social depois da Segunda Guerra Mundial”, diz.

Nos anos 1960 surgiram dois programas de saúde: o Medicaid, destinado aos muito pobres que sejam deficientes ou pais solteiros; e o Medicare, que é provavelmente o único benefício universal do país, pois cobre os idosos de todas as camadas sociais. Esse programa, muito caro, ficou altamente deficitário sob a administração Bush.

Quando à ajuda financeira direta do governo às pessoas pobres, em 1996 uma mudança na lei federal determinou que os pais solteiros não receberiam mais os benefícios se não trabalhassem ao menos 40 horas por semana e se as mães solteiras não declarassem a paternidade de seus filhos. “Estão exigindo esses dois requisitos de comportamento e ao mesmo tempo não há nenhum sistema público de creche. É tudo baseado no mercado. O auxílio-creche para os que conseguem se enquadrar nas exigências do programa é insuficiente”.

A mudança na lei foi aprovada em um governo democrata (Bill Clinton, 1992-2000) e John Kerry votou a favor dela como senador. Segundo Peggy, agora Kerry concorda que deve haver maiores recursos para creches e admite que as horas gastas com educação dos pais sejam contadas como horas de trabalho. Já o governo Bush não apóia essa idéia. “Para eles, trabalhar em empregos de baixos salários é uma atitude responsável, mas voltar para a escola não. Kerry é marginalmente melhor, mas não houve uma real discussão



Jânia Gallari

Peggy Kahn, professora universitária: saudades das atividades políticas na Inglaterra e críticas a Moore

tece em seu gabinete abarrotado de livros no prédio principal da Universidade.

Peggy nasceu em Ohio, filha de sobreviventes do Holocausto. Durante sua formação acadêmica passou pela Universidade de Berkeley, na Califórnia, e anos na Inglaterra, estudando e militando no movimento de trabalhadores das minas de carvão que tentaram resistir à Era Thatcher com uma das mais longas greves da história recente do país.

Peggy lamenta não ter ficado na Europa. “A política é parte do que eu sou e os Estados Unidos são terríveis nesse aspecto, especialmente nos últimos anos devido ao tom

Mike, o *enfant terrible*

No segundo andar do moderno edifício da Biblioteca Pública de Flint, Rick Dunning (foto embaixo, à direita; no detalhe, página do *Flint Voice*) dedica algumas horas de seu trabalho reunindo artigos da imprensa local sobre Michael F. Moore, filho, sobrinho e neto de operários da GM, nascido e criado no distrito de Davison, Flint. Num deles, de 1972, ele aparece como o mais novo cidadão de Michigan a ser eleito para um cargo eletivo: membro do Conselho de Educação de Davison.

Durante seu mandato, Michael criou várias polêmicas ao denunciar que o Conselho mantinha reuniões secretas e ao insistir em gravar os encontros de caráter público. Ferrenho defensor da juventude, Michael Moore acusava a sociedade americana de idadismo, um tipo de preconceito baseado na idade, que discriminaria os mais jovens. Em 1978, num referendo estadual sobre a mudança de 18 para 21 anos da idade mínima para o consumo de álcool, Moore disse que não era o consumo de bebidas que estava em jogo, mas como um grupo de pessoas pode tirar certos direitos de outro grupo.

Nessa época ele era diretor do Hotline Center, em Burton, uma cidade vizinha a Flint, que recebia pessoas que não tinham com quem dividir seus problemas e angústias. A partir dessa experiência, Moore e sua turma fundaram o jornal *Free To Be... (Livre para ser...)* que, algumas edições depois, passaria a se chamar *The Flint Voice*.

Timothy Bair (foto ao lado, de boné), um dos co-fundadores da publicação, tem 40 anos, é funcionário público do Estado de Michigan. "Quando você ligou, me lembrei da época do Hotline Center. Eu tinha 15 anos. A gente, que era de classe média, percebia que vários problemas de comportamento das pessoas tinham origem em problemas sociais. A imprensa aqui não tinha espaço para esses problemas, como desemprego, gravidez de adolescentes, racismo. Decidimos então fazer o jornal. Éramos um bando de jovens de cabelos compridos, um pouco herdeiros dos *hippies*, e com necessidade de interferir", diz.

Harold Ford (foto abaixo), 58 anos, outro colaborador, estava muito abatido com o resultado da eleição de 2 de novembro. "Somos uma nação muito dividida. A questão mais importante das eleições foi uma luta cultural que existe no país há muito tempo", diz o professor e militante da American Civil Liberties Union (ACLU, União Americana de Liberdades Cívicas), a mais importante organização de defesa dos direitos civis do país. Harold conheceu Moore quando ele foi até a ACLU pedir ajuda contra o Conselho de Educação. Logo depois, se tornou repórter do *Voice* nas horas vagas.

"O que Mike costumava fazer em Flint e em Michigan, com o jornal, agora continua fazendo com os seus filmes em escala nacional e no mundo. Ele costumava ser um "pin in the ass" (alfinete na bunda) dos donos de Flint e das corporações", diz Harold que hoje trabalha no distrito escolar de Beecher, o segundo mais pobre da cidade. "Você sabia que foi no Buell Elementary School, em Beecher, que aquele garotinho que aparece no *Tiros em Columbine* atirou em sua colega na sala de aula?".

Na biblioteca, uma consulta à coleção microfilmada do *Flint Voice* revela que no primeiro aniversário da publicação, em dezembro de 1978, o editorial dizia: "Acreditamos que a noção comumente aceita de jornalismo 'objetivo' é uma mentira. Os acontecimentos não surgem no vácuo. Toda publicação ou mídia eletrônica que se diz objetiva está iludindo não apenas a si mesma, mas a seus leitores e audiência". Mais adiante, o texto complementa: "Nossas matérias refletem nosso ponto de vista" e "nosso jornalismo pode muito bem ser descrito como jornalismo progressista ou 'populista'. É uma al-

ternativa ao comercialismo grosseiro, à objetividade enganadora e à reportagem superficial".

O racismo sempre foi uma questão cara ao *Flint Voice*, que denunciou hotéis e restaurantes da cidade por terem uma política não escrita de não empregarem negros. O jornal explicou também como a divisão dos distritos eleitorais em Flint fazia com que a população negra, muito numerosa, nunca conseguisse eleger seus representantes. A violência policial era outra grande preocupação. "Porque a polícia de Flint é a que mais mata nos Estados Unidos?", diz a manchete de uma edição de junho de 1981. O texto afirma que, enquanto nos EUA a polícia cometia 3,8% de todos os homicídios, em Flint era responsável por 11% de todos os assassinatos do ano anterior e 20% dos acontecidos no primeiro quadrimestre daquele ano. Quanto aos temas internacionais, o jornal assumiu desde os anos 1970 uma clara posição pró-palestinos. Na década seguinte grande parte das matérias se voltou para os acontecimentos na América Latina. Uma reportagem de março de 1984 tem o formato de diário de viagem – Michael Moore vai à Nicarágua ver com seus próprios

olhos a "experiência nicaraguense" com o movimento sandinista, "uma revolução com apoio popular que procura ser socialista e democrática ao mesmo tempo e que está prestes a ser atropelada pela CIA. É uma oportunidade de ver nossos impostos sendo usados".

Na luta do jornal contra as grandes corporações, um dos alvos não poderia deixar de ser a General Motors. Em março de 1978, o *Voice* publicou uma matéria sobre o *lobby* da GM na Câmara Municipal de Flint para conseguir uma redução de 50% de seus impostos. "A GM é o melhor cidadão de Flint, e merece todos os incentivos que pode conseguir legalmente", disse um lobbista ao jornal, que traduziu a mensagem: "se não cortarem nossos impostos, podemos ir para outro lugar".

O jornal publicou também várias matérias sobre a ameaça do alistamento militar obrigatório. "Autoridades governamentais e executivos de empresas americanas estão alarmados com a tendência que tem ocorrido nos países de Terceiro Mundo de tentar eliminar as condições opressivas nas quais têm vivido. Lucros da Exxon, Shell, GM, IBM, e outras precisam ser protegidos e por isso é necessário aumentar o Exército norte-americano", explica com clareza um texto de 1978. Nada que Michael Moore não seja obrigado a repetir nos dias de hoje. [TC]

Tânia Calieri



Tânia Calieri



Tânia Calieri





Criss, LeFlore e Breake: nada de alistamento nas Forças Armadas, mesmo que seja para garantir o curso superior

sobre essas questões na campanha. Eu diria que nem republicanos nem democratas estão interessados em temas como baixa renda”, diz Peggy.

Em sua avaliação, para os republicanos, a simples discussão sobre pobreza e desigualdade no país significa criar divisão e discórdia entre os americanos. “Os americanos nunca se pensaram em termos de identidade de classe. Fomos encorajados a pensar em nós mesmos como consumidores, proprietários, como defensores de questões morais, questões de identidade étnica, religiosa. Os republicanos estão tentando fazer com que as pessoas de baixa renda não votem pensando que elas são de baixa renda, mas que votem pensando no terrorismo, nacionalismo e moralidade”, diz.

Segundo ela, os democratas chegaram a falar sobre “famílias trabalhadoras”, mas apenas em oposição aos americanos muito ricos. Ela pondera que, se Kerry tivesse realmente se aproximado dos pobres, talvez perdesse os votos da classe média. “A classe trabalhadora sempre foi deliberadamente dividida no país. Sempre disseram às pessoas que trabalham para a GM que eles são trabalhadores e que os pobres são vadios que consomem os impostos que eles pagam. Pessoas empregadas pensam que são melhores do que os desempregados”.

Segundo Peggy, nos EUA, em comparação com os países da Europa, pessoas de baixa renda votam menos porque sentem que nenhum dos dois grandes partidos vai ajudá-las e que fora deles não há opção. No fundo, são os ricos que definem a agenda da política e tentam monopolizar o debate e as decisões. “Temos um problema de classe na democracia americana e a desigualdade nos EUA tem crescido. Acho que a nossa chamada democracia está se tornando mais fraca, porque, neste país, desigualdade social se traduz em desigualdade política”.

Quando Peggy fala da situação das mães solteiras que têm de trabalhar e não têm onde deixar os seus filhos, lembre-me de um trecho do documentário *Tiros em Columbine*

(2002), de Michael Moore, que retrata a obsessão americana com armas de fogo a partir do assassinato de 14 adolescentes e um professor de uma escola do Colorado, cometido por dois alunos. Num certo momento, o filme aborda uma tragédia ocorrida em Flint, onde um garoto de 7 anos atirou e matou uma colega de 5 anos em sua escola. A mãe do menino deixava o filho aos cuidados do tio, dono da arma, enquanto tinha de cumprir suas 40 horas de trabalho, longe de casa, num dos centros comerciais ao redor de Flint. Michael Moore não teria consciência de classe?

“Ele tem. Provavelmente porque ele cresceu num ambiente sindical industrial muito forte em Flint nos anos 1970. Eu não sei se isso gerou uma identidade de classe mais abrangente. Talvez essa identidade seja mais corporativa”, diz Peggy. “Quando conheci Michael Moore em 1986, ele fazia o *Flint Voice*. Eu tinha acabado de chegar da Inglaterra e percebi que não dava para trabalhar com ele. Ele gosta de fazer as coisas do jeito dele e não contribuiria para a construção de um movimento mais amplo. Sua visão parece ser: ‘se você é um jornalista que mostra a verdade, vai haver pessoas mobilizadas para fazer a coisa certa’. A voz do indivíduo jornalista é o que causaria uma mudança social. Acho que essa é a sua teoria. Falar alto com as imagens, com seu sarcasmo, seu contraste, e falar da forma como o americano comum fala”. Após a entrevista, Peggy me coloca em contato com um grupo que milita contra o racismo. “O rapaz vem te buscar. Disse que tem *dread locks* e vem num carro prateado”.

Cada um no seu lugar Delma Jackson é negro e magro. O pequeno escritório da Factor, sigla em inglês para “Cidadãos da Região de Flint Para Acabar com o Racismo”, fica na parte subterrânea da biblioteca pública. Delma confirma a tendência histórica do eleitorado negro de votar no Partido Democrata. “O que mais me irrita é que as pessoas não são tão críticas como deveriam ser com os candidatos democratas. Para mim, Bush e Kerry são dois lados da mesma moeda”. Ele admite, no entanto, que não conhece os outros candidatos à Presidência que constariam das cédulas de Michigan, além de Ralph Nader, o independente que havia se destacado nas eleições de 2000 concorrendo pelo Partido Verde.

Para Delma, o condado de Genesee, onde se localiza Flint, é um dos mais segregadores dos EUA. Segundo ele, as leis anti-segregação conquistadas nos anos 1960 não bateram completamente a tradição por ali. Crianças brancas estudam em escolas de vizinhanças brancas; as negras, nos bairros negros. No domingo, cada um na sua igreja. A família de Delma foi uma das primeiras a se mudar para um subúrbio predominantemente branco em me-



Jackson: Bush e Kerry são os dois lados da mesma moeda

dos dos anos 1970. Quando ele nasceu, em 1979, todos os brancos já haviam partido e a vizinhança era toda negra. Seus pais são ex-empregados da GM, hoje aposentados, que ganhavam o suficiente para que Delma pudesse pagar o curso superior de estudos afro-americanos.

No caminho para o Sylvester Boomer Centre, entidade que reúne adolescentes pobres, todos negros, para aulas extra-curriculares, Delma ia mostrando áreas da cidade que tornaram-se degradadas. “Essas áreas são chamadas de ‘the hood’ (diminutivo de *neighborhood* - vizinhança), guetos, ou outro eufemismo que você pode escolher. O fato é que quando você fala ‘the hood’ você está falando de área predominante negra, com alta taxa de criminalidade, alta taxa de abuso a seus direitos, e baixa renda”.

No Boomer Centre vários garotos dizem que assistiram a *Fahrenheit 9/11*. A razão é simples: foi lá que Michael Moore gravou a seqüência na qual rapazes negros dizem que há

poucas opções de futuro em Flint além de se alistar no Exército. Na aula de computação, Sharron Criss e Brandon LeFlore, 14 anos, dizem que não querem ir para a guerra. Pedem para anotar: um dia Sharron será médico e Brandon, *designer* de computadores. Já Ernest Breake, 22 anos, diz que seguiu o conselho da mãe e não se alistou no Exército, mesmo sabendo que teria acesso à faculdade. “Essa é uma questão chave para os afro-americanos”.

Pude ver algumas redações que os garotos fizeram depois de terem assistido a *Fahrenheit 9/11*. “Foi muito engraçado ver que o Iraque nunca foi uma ameaça para os EUA, e mesmo assim Bush declarou guerra contra eles”, diz um texto. “O Talibã visitou G.W. Bush em Houston para construir um oleoduto através do Afeganistão e Paquistão”, diz outro. “Eu aprendi que Bush conhecia Osama bin Laden antes dele nos atacar”. Parece que Moore tinha feito algumas cabeças por ali.

“Nem me fale. Mais 4 anos!”

Tânia Caliani



Voluntários republicanos em Flint: animação com o presidente que “está fazendo seu trabalho”

“Estou ligando para lembrá-lo que o presidente Bush tem sido um forte líder para a América, garantindo a segurança interna, impostos baixos e proporcionando um sistema de saúde digno para todos os cidadãos. Por favor, lembre-se de apoiar o presidente Bush e todos os candidatos republicanos no dia da eleição. Esta ligação é paga pelo Partido Republicano de Michigan”. Depois de recitar seu texto para uma secretária eletrônica, a cabeleireira Gloria Penn, 42 anos, voluntária na campanha de Bush, diz que sua primeira preocupação é o terrorismo. “Penso todos os dias: ‘já são mais de mil dias sem um ato terrorista’. Bush está fazendo o seu trabalho”.

Gloria e outras cinqüenta pessoas lotam o quartel-general da campanha de Bush em Flint. O curioso é que muitos daqueles voluntários cresceram em lares operários,

teoricamente democratas, como Arlewen, de 73 anos, que mudou de partido há mais ou menos vinte anos por causa das questões morais defendidas por cada legenda. “Questões ligadas a valores morais, como o aborto, homossexualidade. As questões que realmente importam”, diz ela, que por ser idosa, já havia votado um dia antes, por correio. Bush na cabeça.

Aqueles republicanos confinados num conjunto de salas alugadas num dos centros comerciais ao redor de Flint sabem que são minoria em Michigan e na cidade, mas trabalham com o ânimo de pescadores de almas para a batalha de logo mais.

2 de novembro O dia da eleição, uma terça-feira chuvosa e gelada, começa cedo para os democratas na sede da UAW. No salão nobre do sindicato, cerca de trinta pessoas preparam lanches para os voluntários que sairiam para fazer boca-de-urna. É a UAW pondo sua máquina para eleger o democrata Kerry. O ex-empregado da GM Calvin Beameer, aposentado de 45 anos, pega seu saco de papel com maçã, sanduíche e suco. Com uma lista de endereços nas mãos, sabe exatamente em quais casas bater. “São casas de democratas, para lembrá-los de ir votar. Não panfletamos em casa de republicanos, senão eles se lembram de ir votar no Bush”, explica.

Perto do meio-dia, foi a vez de acompanhar os republicanos. Dolly Twigg e Suzan Franklin me aguardam numa van preta com um adesivo que diz: “Deus ainda fala por meio de George W. Bush”. Está muito frio para fazer panfletagem na porta da escola, local de votação. O jeito é se esquentar provocando um adversário. “Pense naquelas crianças indefesas sendo mortas nas barrigas das mães”, diz Dolly, enfermeira de 42 anos. “Esta eleição não é sobre isso!”, grita o democrata Larry Roth. “Tem a



Fama Callari

Susan, Harry e Dolly: provocações para aquecer a boca-de-urna no dia da eleição

guerra, a economia...”. O bate-boca continua até a hora da foto, quando todos posam abraçados.

Suzan e Dolly se conheceram na igreja que freqüentam. Suzan veio de uma família republicana. Seu pai era gerente da GM. Dolly foi criada em família democrata e mudou de preferência política depois que se casou. Seu marido é militar e atuou nos Bálcãs e no Afeganistão. “Apóio a guerra no Iraque por causa do terrorismo. Meu marido se ofereceu para ir para lá. É claro que tenho medo, mas os republicanos tratam melhor os militares”, diz.

Resultado final Na manhã seguinte, a vitória nacional é de Bush. No condado de Genesee, porém, Kerry bateu Bush por 60% a 39,2% dos votos. Ele também venceu no Estado (por 51,23% a 47,81%), conquistando os 17 delegados de Michigan no colégio eleitoral. A vitória democrata não é novidade por ali. Nas décadas de 1970 e 1980 os republicanos levaram a melhor nos pleitos presidenciais em Michigan, mas em Genesee os democratas sempre tiveram vitórias importantes, como em 1980, quando Jimmy Carter bateu localmente Ronald Reagan, vencedor no Estado e eleito presidente. Em 1988, o democrata Michael Dukakis também venceu em Genesee, quando George Bush pai ganhou os delegados de Michigan e tornou-se presidente. Desde 1992, no entanto, os democratas venceram todas as disputas presidenciais em Michigan e, claro, em Genesee.

O resultado nacional, porém, pode ser visto na cara dos passageiros negros no ônibus que ia para o centro de Flint. Uma mulher diz pesarosa: “Nem me fale. Mais 4 anos!”. Na TV, durante todo o dia, jornalistas refazem as contas da noite anterior, exibindo mapas dos EUA divididos em blocos azuis (democratas) e vermelhos (republicanos). Analistas e políticos se revezam nos palpites. Um reverendo exulta com a vitória de Bush: “Ele é o presidente mais cristão,

mais explícito em sua fé, que eu já vi durante toda a minha vida”. A legenda o apresenta como Jerry Falwell, um nome que consta de um artigo do *Flint Voice*, de 1981, a respeito do grupo de apoio ao então presidente eleito Ronald Reagan. Em meio a outros 20 nomes do quem-é-quem na chamada “Nova Direita” de então, Jerry Falwell era qualificado como “o maior expoente dos evangélicos”. O *Flint Voice* traz o *fac-simile* de uma “Declaração de Guerra” assinada por Falwell, que proclama uma cruzada contra os demônios que ameaçariam a América. “Em nome de Deus, nós chamamos à luta contra os seguinte demônios: aborto, pornografia, homossexualismo, socialismo e deterioração do lar e da família”.

Na sequência de Falwell na TV, o reverendo Jesse Jackson questiona a base de valores morais de Bush. “Porque não tomamos como valores cristãos ensinamentos como ‘alimento os famintos’ ou ‘vista os que têm frio’? Valores morais foram úteis nesse país para justificar a escravidão e a segregação racial”, diz o reverendo negro democrata. Outro reverendo negro democrata, Al Sharpton, que este ano concorreu nas primárias para ser o candidato democrata à Presidência, criticou a campanha de Kerry: “nós ficamos respondendo aos ataques dos republicanos, deixamos que eles impusessem sua agenda. Deixamos que os republicanos definissem o que é arma, Deus e gay”, diz, enfatizando os três Gs de gun, God e gay.

Após a ressaca da derrota, na Internet Moore tenta levantar o moral da turma anti-Bush. Além de enaltecer o eleitorado jovem – “Vocês arrasaram!” – ele lembra: “perdemos por apenas 3,5 milhões de votos! Não é uma vitória esmagadora. (...) Mais de 55 milhões de americanos votaram no candidato apelidado ‘O liberal nº 1 no Senado’. Isso é mais que o número total de eleitores que votaram em Reagan, Bush 1º, Clinton ou Gore”.

Ao final dessa eleição, parece que os que dizem que os EUA são uma nação dividida já faz tempo estão certos. E o rótulo “liberais contra conservadores” não é suficiente para explicar essa divisão.

Como primeira expressão popular dessa divisão comprovada, fica a tremenda repercussão do site www.sorryeverybody.com, iniciado por alguns amigos que colocaram na internet suas fotos (abaixo, alguns exemplos) expressando desculpas ao mundo por seu país ter eleito Bush novamente. Várias mensagens enfatizam que metade dos EUA tentou muito evitar que isso ocorresse. ■



www.sorryeverybody.com/Reprodução